

05-01-2022

## “Encontro você em Nuremberg”

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Meus brasileiros laços que me involucram da proa à popa e embaçam-me os olhos até marejarem, como se mar fossem, remetem-me às tristezas de minha infância. Ao tomar ciência do experimento nazista do governo brasileiro, leia-se Bolsonaro e seu ministro Queiroga da Morte, de deixarem as crianças brasileiras ao deus-dará de suas vidas, com a intenção de impedir-lhes a vacinação anti-Covid, nauseei-me.

Querem os nazi-nauseabundos gajos testar a força de sua nazipalavra, para agradar sua porteira fechada de correligionários neonazistas, às custas da morte de crianças brasileiras? E, sim, e tudo está a parecer que sim. A perda de apenas uma criança, seja qual seja a razão, é a perda da crença no mundo.

A perda de apenas uma criança, enquanto política de governo, leia-se o assassinato de uma criança como política de governo, não é só a perda da crença no mundo – é a sua total convicção. Imaginem milhares de crianças, não bastassem a fome, a miséria, as balas policiais, agora a negação à vacina? .....

Há poucos meses havia-me regozijado com a vitória de uma criança brasileira na Olimpíada e logo depois no circuito mundial de *street-skate* (cá em Portugal *skateboard*) Pois que o surf, paixão que me avassala desde os tempos infantis, é irmão mais velho do surf de rua. Aprecio-o por afinidade parental. Daí minha alegria pela graça e leveza da brasileirinha surfista de rua Rayssa Leal. .... Todavia, meus caros, há muitos anos em cantões periféricos de Lisboa, havia dois amiguinhos em pleno ritual de passagem da infância para a adolescência. Armando e este que vos fala.

Eu, já surfista marítimo (Carcavelos, Guincho, Praia Grande e todas quantas mais) e Armando com sua prancha de rua, àquela época, esporte nem proibido nem autorizado. Enquanto eu fazia minhas acrobacias nas ondas, Armando as fazia sobre pedras, blocos de cimento e calçamentos. A pequenina prancha de rodinhas, à época, estava ainda chegando a Lisboa. Eram poucos os meninos malabaristas. Armando ria-se de mim quando eu tentava algo naquela modalidade não aquática.

Outrossim, ria-me eu dele, pois o meu querido amigo não era chegado a levar caldos e só gostava mesmo do mar flat. Ou, em outras palavras, quando não gerava ondas.

Armando havia morado na Califórnia, d’onde trouxe o estranho instrumento. Seu pai era um diplomata português, que tinha estado em vários países e, por fim, voltara a Portugal para, jubilosamente, encerrar sua carreira na diplomacia. Seu Euzébio chegou cantando a **canção do mar**, para enfim plantar os pés em seu torrão.

Armando era o filho caçula e o que estranhamente deve ter nos unido: Armando nascera no Brasil. Ah! essas raízes brasileiras.... Num dia que eu surfava em São Pedro do Estoril, Armando nos deixava – a mim e a seu Euzébio. Estivesse no mar, ao perder sua pequenina prancha de seus pés, meu amigo não teria batido sua cabeça na pedra. Morreu na hora. Nunca mais consegui pisar meus pés no instrumento. Foi a primeira criança que perdi. Nesse dia também perdi um pouco da criança que eu era com Armando. Não há um dia em minha vida, quando surfo, que eu não o veja a meu lado...

A perda de uma criança, seja qual seja a razão, é a perda da crença no mundo. ....

Na Alemanha nazista, as crianças eram alvo de experiências, como é hoje no Brasil com a política oficial governamental de negação da vacina.

Nazismo redivivo!! Mengele gostava de gêmeos.

Eram alvo da pesquisa “genética” para alcançar a raça pura. As íris pigmentadas com tinta, uma vez consumadas, iam para o mostruário de globos oculares extirpados. Mas nem só de gêmeos servia-se o nazicientista. Órgãos retirados com as crianças ainda vivas a observar-lhes as reações; supressão do leite materno a examinar o processo de morte pela fome e as posteriores autópsias “elucidativas” ([veja](#)).

Dos 12 julgamentos de crimes de guerra em Nuremberg, o primeiro deles - Processo contra médicos - julgou 20 médicos nazistas por experimentos com crianças ([veja](#)).

A história se repete no Brasil, de forma sutil, agora como farsa e tragédia. A inexplicável adesão de tantos médicos ao bolsonarismo, especialmente no tocante ao trato com a pandemia do Covid-19, possui raízes longínquas. Longínquas, mas nem tanto. Raízes podres contra a humanidade no seu maior grau de desumanidade: as crianças como tentativa de comprovar que a perversidade humana, baseada em ideologias de extrema-direita, não tem limites. É impossível argumentar com assassinos, no momento jubiloso de sua missão, a vítima em sua mão. ....

Hoje e cada vez mais eu não dialogo com negacionistas extremistas de direita. A estes reservo uma simples frase, mesmo depois de provocado:

*Encontro você em Nuremberg. ■■■*

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*